



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

O nomadismo em poesia : Glissant, Al Berto e Gilberto Mendonça Teles

Catherine Dumas

Para citar este documento / To cite this document:

Catherine Dumas, "O nomadismo em poesia : Glissant, Al Berto e Gilberto Mendonça Teles", *Colóquio/Letras*, n.º 189, Maio 2015, p. 32-44.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

O nomadismo em poesia

GLISSANT, AL BERTO E GILBERTO MENDONÇA TELES

CATHERINE DUMAS

NO ÁPICE DA PAZ

(A paz do silêncio de Deus
depois do último gesto da criação,
a paz daquele que descobriu o desejo
e se escondeu nos ermos da montanha,
e do que gravou sua imagem nas águas
e cantou e dansou no ritmo do fogo,
exprimindo no corpo o símbolo invisível
de sua escrita e liberdade)

GILBERTO MENDONÇA TELES, *ÁLIBIS*, 1985-97

PROPONHO-ME OBSERVAR de que modo, na poesia do português Al Berto, do brasileiro Gilberto Mendonça Teles e do poeta das Antilhas francesas Édouard Glissant, se desenha o processo que Kant denominou «fazer mundo», a partir de um sujeito poético que se apresenta como um ser sem fronteiras e cujo nomadismo privilegia, em linha com o que propõe Henri Lefebvre, a vida em detrimento do modelo. Um tal conceito foi recentemente revisitado por alguns filósofos e teóricos da poesia no intuito de restabelecer a subjetividade do discurso, após os estruturalismos e as vanguardas formalistas que concediam um espaço alargado, ou mesmo totalitário, à objetivação. No prefácio de uma obra coletiva de 2011, *Faire monde. Essais phénoménologiques*¹, os organizadores da publicação, Michaël Focssel, Jean-Claude Gens e Pierre Rodrigo, distinguem três vias para o «fazer mundo». A via da «experiência humana», na linha de Henri Bergson (*Matière et mémoire*, 1896), visa ultrapassar as antinomias kantianas mediante o aprofundamento da percepção. A via fenomenológica, de Husserl a Merleau-Ponty, tende a desembaraçar-se da exigência do intuitivo: «Tout objet se donne à la perception par des ‘profils’, à partir d’un horizon d’objets perçus conjointement et, en dernière analyse, d’un monde non objectif.»² A terceira via seria a de Gilles Deleuze, o qual, embora em oposição por

vezes frontal com a fenomenologia, privilegia «un monde dont la façon d'être ne devrait plus rien à la structure de notre perception et qui prendrait son origine, enfin libéré de nos schémas de compréhension ingénuement anthropocentrés, dans ce qu'il n'hésite pas à nommer un 'devenir humain'»³. O «fazer mundo» designa, pois, um mundo do qual somos parte integrante enquanto sujeitos. As teorias de Gilles Deleuze, Kenneth White e Édouard Glissant ajudar-me-ão a auscultar a poesia nómada que aqui me ocupa. Ademais, os dois últimos destes pensadores são eles próprios poetas de língua francesa, o que não é anódino.

O SUJEITO NÓMADA

Basear-me-ei em citações dos três poetas em estudo que configuram esse sujeito nómada a partir dos seus mitos pessoais. Em primeiro lugar, Mendonça Teles:

DESCRIÇÃO

Um pé lá e outro cá, entre limites, caminha pelas margens, no céu, no chão, simultâneo e sutil, escusando-se da sua própria sombra e reticência.

Dá às vezes a impressão de indiferença, embora esteja sempre atento às aproximações: tem algo de eremita e de profeta, de vidente e de cego, mas desconfia do destino e aceita livremente a teoria de alguns mitos e fantasmas.

Se o cotidiano o perturba e o desespera, ele o cava mais e o realça na esperança das formas inumeráveis do invisível numa folha caindo, num insecto inquestionável na sua linguagem ou no silêncio que se curva na cabeça da mesa — essas coisas escondidas e sem brilho no caminho dos homens.

Já o viram sensual e lunar, uivando nas esquinas e nos cerrados, amado e incoerente, com recaídas profundas de espiritualidade e diversas penitências numa escrita que tenta extrair da sua arqueologia pessoal, recompondo os sinais de uma existência outrora interrompida.

Falam de seu espírito aventureiro, da sua clareza e alucinações. Dizem que só se alimenta de exceções e de regras habilmente camufladas, dentro e fora da lei, tirano e democrata num país de políticos safados, nalgum lugar incerto e não sabido.

Dividido e endividado (deve aos deuses de todas as instâncias e sistemas), só se deixa ver e reunir no fundo do tempo, na penumbra de uma meia-sombra, no jeito selvagem de um caipora e na forma empinada de um saci com um pé na terra, a cabeça no regaço das nuvens, as mãos Tateando os seios rosados da aurora e o coração,

o coração batendo doidamente as pernas por aí.

Rennes, 1989⁴

No título, «Descrição», o poeta brasileiro enjeita a forma do autorretrato. De resto, exprime-se na terceira pessoa do singular, visando uma despersonalização do sujeito poético, que desse modo se esquivava à contingência do aqui e agora. Transforma-se num universal, que inscreve porém na sua «arqueologia pessoal»,⁵ a do índio *saci* de Goiás, que representa o «não-lugar» próprio à paratopia do artista⁶: «Um pé lá e outro cá, entre limites, caminha pelas margens, no céu, no chão, simultâneo e sutil, escusando-se da sua própria sombra e reticência.»

Quanto a Al Berto, assume na primeira pessoa o carácter memorialista do seu texto intitulado «Aprendiz de Viajante»:

Um dia li num livro: «viajar cura a melancolia».

Creio que, na altura, acreditei no que lia. Estava doente, tinha quinze anos. Não me lembro da doença que me levava à cama, recordo apenas a impressão que me causara, então, o que acabara de ler.

Os anos passaram — como se apagam as estrelas cadentes — e, ainda hoje, não sei se viajar cura a melancolia. No entanto, persiste em mim aquela estranha impressão de que lera uma predestinação.

A verdade é que desde os quinze anos nunca mais parei de viajar. Atravessei cidades inóspitas, perdi-me entre mares e desertos, mudei de casa quarenta e quatro vezes e conheci corpos que deambulavam pela vasta noite... Avancei sempre, sem destino certo.

Tudo começou a seguir àquela doença.

Era ainda noite fechada. Levantei-me e parti. Fui em direcção ao mar. Segui a rebentação das ondas, apanhei conchas, contornei falésias; afastei-me de casa o mais que pude. Vi a manhã erguer-se, branca, e envolver uma ilha; vi crepúsculos e noites sobre um rio, amei a existência.

Dormia onde calhava; no meio das dunas, enroscado no tojo, como um animal; dormia num pinhal ou onde me dessem abrigo, em celeiros, garagens abandonadas, uma cama...

E quando regresssei, regresssei com a ânsia do eterno viajante dentro de mim.

Hoje sei que o viajante ideal é aquele que, no decorrer da vida, se despojou das coisas materiais e das tarefas quotidianas. Aprendeu a viver sem possuir nada, sem um *modo de vida*. Caminha, assim, com a leveza de quem abandonou tudo. Deixa o coração apaixonar-se pelas paisagens enquanto a alma, no puro sopro da madrugada, se recompõe das aflições da cidade.

A pouco e pouco, aprendi que nenhum viajante vê o que os outros viajantes, ao passarem pelos mesmos lugares, vêem.

O olhar de cada um, sobre as coisas do mundo, é único, não se confunde com nenhum outro.

Viajar, se não cura a melancolia, pelo menos, purifica. Afasta o espírito do que é supérfluo e inútil; e o corpo reencontra a harmonia perdida — entre o homem e a terra.

O viajante aprendeu, assim, a cantar a terra, a noite e a luz, os astros, as águas e a treva, os peixes, os pássaros e as plantas. Aprendeu a nomear o mundo.

Separou com uma linha de água o que nele havia de sedentário daquilo que era nómada; sabe que o homem não foi feito para ficar quieto. A sedentarização empobrece-o, seca-lhe o sangue, mata-lhe a alma — estagna o pensamento.

Por tudo isto, o viajante escolheu o lado nómada da linha de água. Vive ali, e canta — sabendo que a vida não terá sido um abismo, se conseguir que o seu canto, ou estilhaços dele, o una de novo ao Universo.⁷

O mito pessoal de Al Berto é o do viajante, e a sua linha de vida é decalcada sobre a doença iniciática, purificadora e redentora. Contra os modelos — e notemos aqui que o nomadismo não é, para Al Berto, um modelo —, ele aponta um caminho ao aprendiz de poeta, sujeito na sua unicidade: «Levantei-me e parti»; «Separou com uma linha de água o que nele havia de sedentário daquilo que era nómada; sabe que o homem não foi feito para ficar quieto». Na última parte do texto, a passagem à terceira pessoa corresponde a uma despersonalização sublimadora de um sujeito existencial tornado poeta.

Quanto a Édouard Glissant, escreve em *Le Sang rivé* (1947-54): «C'est moi la rivière la roche impassible et dans son sein l'ardeur de la terre»⁸ e «je suis morcellement»⁹. O sujeito afirma-se perentoriamente na sua fusão com os elementos. Porém, está dividido, o que exprime em tom elegíaco.

Podemos observar, nos três poetas, a tensão, ontológica e imagética, entre euforia e disforia. A disforia surge, por exemplo, para Al Berto, na angústia do sujeito urbano. Em Mendonça Teles, é sobretudo na primeira parte da sua obra poética que a voz disfórica se faz ouvir, em modo elegíaco também, assim como no final do poema intitulado «Nómade»:

[...]
Sem rumo, na noite
sem astro e sem fim,
eu fujo e me perco.
Ah vida, Socorro!
Tem pena de mim!

(*Pássaro de Pedra*, 1957-62)¹⁰

Para Édouard Glissant, é o sujeito historicizado que é disfórico, ou seja, o sujeito colonizado.

Encontramos, pois, em Mendonça Teles, um sujeito inicial, primordial, Saci genesíaco; em Al Berto, o adolescente predestinado; e, em Glissant, o ser ardente. Um ser «sombrio» e «lunar» em Mendonça Teles, melancólico e enfermo em Al Berto, fragmentado em Glissant. Assim configurado, tal sujeito reconhece o seu «mundo» no Universo natural das pequenas coisas cósmicas. Despojado, purificado do supérfluo da urbe, cumpre o seu destino de poeta viajante e canta, numa solidão que acompanha os povos e os seus congêneres. A sua disforia moderna torna-se uma euforia participativa que reconcilia o ser humano com o mundo. Assim, em *Saciologia Goiana* (1970-81), Mendonça Teles dá prioridade, em tom crítico e de denúncia, ao Índio de Goiás; Al Berto prega uma ética de teor franciscano; e Glissant, em *Le Sel noir* (1960), escreve a epopeia pós-colonial do seu povo.

Este sujeito lírico nómada afirma-se a partir da imagem-conceito da ilha. Desterritorializado, para usar o termo deleuziano, ele *reterritorializa-se* no espaço-lugar da ilha, sempre de partida rumo a outras paragens oceânicas. Al Berto enuncia com clareza esse paradoxo do espaço simultaneamente aberto e fechado: «Estou sempre a partir, mesmo quando deitado. Não falo da imagem pela paisagem. Há desconhecidos dentro de nós.»¹¹ A ilha de Al Berto é o corpo deitado, ponto de encontro e de partida. Mendonça Teles, em «O Índio», poema de 1985 incluído em *o Cone de Sombras* (1995), redescobre-se na variante linguística do português do Brasil, reunida no corpo erotizado de uma enunciação historicamente dividida entre o índio, o poeta e a musa. A enunciação, realizada em forma de apóstrofe ao Índio na primeira parte do poema, acaba por dar lugar a um sujeito poético na primeira pessoa completamente assimilado ao Índio, não sem a distanciação irónica implicada pelo jogo de palavras «comouvindo»:

O ÍNDIO

[...]

Tudo isso que te faz verbo e protocolo
e que te vai roendo e te fazendo sonoro:
harpa de vento pendurada na mangueira,
santo de pau oco num altar barroco.

2.

[...]

Mas vai também te vestir de penas,
pintar teu corpo, estrear o teu tacape,
como se fosses mesmo o inesperado chefe
de uma tribo perdida na linguagem.

3•

[...]

Na minha língua o rubro da papoula
ainda sabe a mel e ainda canta:
tenho um gosto de sol no céu da boca,
tenho um travo de beijo na garganta.

Então sou mesmo um índio: deito o ouvido
na curva de teu ventre e à tarde inteira
quem sabe se eu não ando comovindo
um coração batendo à brasileira.¹²

A Ítaca do poeta brasileiro, sabemos-lo, é a Goiás da sua infância, cuja evocação passa pelo corpo, pela língua e pelo palato. É o que encontramos no poema «Manifesto da Cozinha Goiana», de *Saciologia Goiana*:

[...]

nós sabemos muito bem
que a essência da comida goiana não se altera
e parece que sempre se manterá à prova
do discurso do arroz com pequi e guariroba.

[...]

Tudo fica mais rico de aroma e paladar
se há uma boa porção
de pimenta e limão.¹³

Também Al Berto concebe o eterno retorno como uma reapropriação de si pelo sujeito poético que regressa à ilha-corpo. Lemos em *Lunário* (1999): «São muitos e muitos anos de travessia, e quando chego ao extremo de mim mesmo, o mar teceu na memória o esplendoroso tempo de regresso ao meu corpo.»¹⁴ Édouard Glissant adota o termo local para nomear a ilhota das Antilhas: «l'îlet». Escreve em *Le Sel noir*: «Entends les pays, derrière l'îlet»¹⁵ («Acclamation»). O seu prefaciador, Jacques Berque, comenta: «L'île, au lieu de se laisser découvrir par les autres, prétend, à son tour, découvrir le monde.»¹⁶ A ilha desterritorializa-se, portanto, o que faz eco das observações de Deleuze e Guattari sobre a escrita rizomática: «Écrire, faire rhyzome, élargir son territoire par dé-territorialisation [...]»¹⁷. Assim, o mito do eterno retorno torna-se o modelo de um nomadismo poético que inverte a focalização histórica do centro em detrimento das margens, anulando as dicotomias em favor de uma exterioridade que Deleuze e Guattari, uma vez mais, ajudam a pensar: «Il nous semble

que l'écriture ne se fera jamais suffisamment au nom d'un dehors. Le dehors n'a pas d'image, ni de sens, ni de subjectivité»¹⁸. Kenneth White, por seu turno, caracteriza do seguinte modo o sujeito nómada: «Le nomade est celui qui [...], contournant le domaine des sous-dieux et des sur-hommes, traversant le neutre, s'aventure dans un champ de forces inédit, le long de plages insolites»¹⁹.

POR UMA «GEOPOÉTICA»

«Ma maison ma maison de cristal marin longue muraille d'Amérique», escreve o poeta das Antilhas, Édouard Glissant, em *Le Sang rivé* (1947)²⁰. Glissant inventa e introduz na sua poesia uma geografia dinâmica que Kenneth White descreve como *geopoética*, como uma «densification de la géographie»²¹. Al Berto opera uma «densificação» semelhante ao abrir o corpo do sujeito poético à alteridade e, sobretudo, ao condensar a imensidade marítima nesse «olho de água», vasilha de recolha das águas: «*Depois, ferido pelo implacável sol, recolho nas mãos a fresca memória doutros corpos. Olho a poeira dos dias até me sentir cego. Levanto voo com a treva, sobrevooo o olho de água onde me inclino para alimentar a paixão.*»²² «Olho de água», «longue muraille d'Amérique», estas densificações levam a ilha original (originária) a transformar-se em «constelação planetária»²³ da poesia. A ilha torna-se arquipélago, o rio um delta.

Glissant escreve: «ce goût de terres emmêlées»²⁴ e «Il est — au delta — un fleuve où le mot s'amasse, le poème — et où le sel se purifie»²⁵. Num dos seus últimos ensaios, *Philosophie de la relation*, desenvolve o conceito de «pensée archipélique»²⁶, essencialmente intuitivo, oposto ao de «pensées occidentales», mais sistémico: «Par la pensée archipélique, nous connaissons les rochers des fleuves, sûrement les plus petits, rochers et fleuves, nous nous figurons les trous d'ombres qu'ils abritent et recouvrent, où les *zabitants* (d'eau douce, il s'agit de ces crevettes bleues et grises, menacées par la pollution) en Martinique, et que l'on appelle *ouassous* en Guadeloupe (noms fonds, nom d'appartenance, je les désigne par plaisir résolu, chacun de nous connaît leur succulence), s'abritent encore»²⁷.

O rio é, para Gilberto Mendonça Teles, o primeiro dos «Lugares imaginários» (*Arabiscos*, 1999): «A curva do rio no remanso»²⁸, o que me faz pensar no «olho de água» de Al Berto. Assim:

[...]
e fomos lambendo terras
nesta fome de horizontes
que os rios têm nos seus olhos
verdes de tanto chorar.²⁹

«Densidade» poética e ampliação do espaço seguem a par e passo de modo a configurarem o espaço físico-onírico do sujeito nómada, a sua geo-poética. Há um poema de Mendonça Teles sob a forma de diário de bordo no qual o sujeito desterritorializado, numa vontade análoga de densidade poética, descreve rios de outras latitudes. As duas palavras francesas *fleuves* e *rivières*, bem como os nomes das ondinas, bastam para efetuar uma ampliação do imaginário:

À noite, os seus cursos se voltam para dentro das sombras, nos castelos, fluindo em vertical e entremostrando como os celtas e romanos suavizaram os costumes nas curvas, nos remansos e no fundo requintado de seus leitos.

Nos seus destinos de *fleuves* ou de *rivières*, os rios passam, passam sem ter fim. De suas margens secretas surge sempre alguma fada — Viviane, Morgane ou Mélusine. E há nos seus murmúrios o riso das mulheres que um dia perfumaram a barba de Merlin.³⁰

É toda uma cartografia que o poeta nómada desenha no poema. Deleuze e Guattari disseram-no bem: «Écrire n'a rien à voir avec signifier, mais plutôt avec serpenter, cartographier, y compris des terres à venir»³¹. Mendonça Teles, no poema «Looping» (*Alibis*), apresenta um sujeito poético aviador e cartógrafo:

E do mais alto de mim
de meus abismos
vou-me estirando inteiro
alma
dentes
músculos
enquanto a mão direita vai mapeando
golfos
antras
ilhas
esses recôncavos
da América central
tão feiticeira
da América do sul
tão feminina.

Chicago, Junho de 1990

Uma tal cartografia é extensível ao cosmos. Nos seus «Éléments de géo-poétique», Kenneth White concebe uma «cosmologia caoticista»³². Tratar-

se-ia de uma «science des contours, des ruptures, des discontinuités; une philosophie du passage, du cheminement — voici ce qui arrive depuis quelque temps de ce côté-ci des bords extrêmes de l’Occident»³³. Esta revalorização da noção de cosmos pela poesia moderna e contemporânea configura aquilo a que White chama «o poema do mundo».

DO «POEMA DO MUNDO» AO POEMA-MUNDO

«J’assemble les fleuves», escreve Édouard Glissant no poema «Afrique»³⁴, de *Le Sel noir*. O sujeito poético que se afirma com semelhante força configura uma totalidade infinita, para usar os termos de Emmanuel Lévinas³⁵. No início do seu romance *Tout-Monde*, Glissant evoca essa totalidade:

Un pays où la dérive de l’habitant, ce qui lui permet d’adhérer à la terre, comme une poussière entêtée dans l’air, c’est cet aller tout aussi bien que ce revenir, à tous les vents. Notre science, c’est le détour et l’aller-venir. Un pays ouvert, mais qui ne fut jamais déboussolé de son erre et d’où, si la pensée s’envole, ce n’est pas en fuligineuses déperditions. Un pays éperdu dans ses calmes plats, mais qui ne s’est jamais perdu.

C’est de ces sortes de pays-là que l’on peut vraiment voir et imaginer le monde.³⁶

Evoluindo num tal país, o sujeito nómada escreve a sua página na paisagem. Michel Butor, romancista e ensaísta, viajante inveterado, observa: «Le nomade marque le paysage avec des signes»³⁷. Este modelo antropológico é atribuído ao poeta como «la possibilité de réinventer l’écriture»³⁸. Butor pratica o letrismo como essa possibilidade enquanto inscrição, «nova escrita nómada». Regressemos agora ao preceito de Glissant anteriormente citado: «Entends les pays, derrière l’îlet», e à sua pluralidade. O «Tout-monde» enuncia-se a partir do princípio da diversidade. Mais recentemente, Glissant retomou os principais fundamentos da sua *Philosophie de la Relation*:

J’écris en présence de toutes les langues du monde. Elles résonnent avec leurs échos et leurs obscurités, leurs silences réciproques. La pensée du *divers*, notre rhizome infini et quantifié. La pensée de la *mondialité* que nous réclameons toujours avec la peur de ne pas savoir la distinguer du feu roulant de nos mondialisations cataclysmiques, la pensée de *l’identité racine unique*, qui tue, ou au contraire *l’identité en marche*, qui ne va pas vers l’unique, renforçant les uns et les autres, l’ici par l’ailleurs. La pensée des *cultures ataviques*, qui, mortifères, ont fondé la légitimité et le territoire, et celle des *cultures composites*, celles qui opposent et mêlent chaque fois leurs digenèses, folles naissances primordiales.³⁹

Esta cultura do diverso constrói um novo etos, manifestado através do «poema do mundo». O «direito à opacidade» reivindicado por Édouard Glissant é algo de essencial ao nomadismo: «La part d'opacité que l'on réserve entre l'autre et moi, mutuellement consentie (il ne s'agit pas d'un apartheid), amplifie sa liberté, tout comme elle confirme mon libre choix, dans une relation de pur partage, où échange et découverte et respect sont infinis, *évidents*. Car tu as le droit d'être obscur, d'abord à toi-même»⁴⁰.

«Todas as línguas do mundo», ou quase todas, estão presentes na poesia de Mendonça Teles. O livro *Álibis* (2000) começa com um enunciado vocal enfatizado visualmente por meio de caracteres tipográficos de dimensão incommum, seguidos de dois versos atribuídos a Alain Duchesne e Thierry Laguy:

OPÓ-RAPÁ-CUPÚ-LOPÓ

Ao incitar-nos a brincar com elas,
as palavras convidam-nos a brincar com o mundo.⁴¹

Eis-nos de novo mergulhados no pensamento do «fazer mundo». Na «Aldeia Global», o poeta brinca com a heteroglossia índia e a acumulação de noções culturais. Numa exortação acumulativa, invoca espíritos e povos índios, terminando assim:

[...]

Venham os xerentes, craós e crixás,
bororós doentes e xicriabás.
E os apinajés, os carajás roídos,
E os tapirapés e os inás perdidos.

Tupis canoeiros e jés caiapós,
xavantes guerreiros, fulvos caraós,
índios velhos, novos, os sobreviventes
das nações ou povos mortos ou presentes.

Vinde todos, vinde, como o curupira,
para que vos brinde no avesso da lira.
Vinde, vinde ao poema
e gritai safados
como siriema nos ermos cerrados.⁴²

Quando o sujeito poético de Mendonça Teles se expatria, já não são as línguas do continente sul-americano que o atraem, mas um leque sonoro exótico, por vezes tão caótico como as línguas índias que se entrecrocaram. No

poema «Visita», por exemplo: «Em Gent [...] / Ouço flamengo, gaguejo termos / e tento dar ao Thomas o perfil / não da poesia, mas dos meus ermos / na Flândria e no Brasil» («Poemas da Bretanha»)⁴³. O poeta pratica a heteroglossia com delícia, citando em língua bretã versos e conceitos de ordem cultural, partindo em busca da nova cultura, por vezes proporcionando ao leitor o acesso a esse alhures através de longas notas de rodapé.

No final deste ciclo de poemas, encontramos duas estrofes que operam a síntese entre um aqui e um alhures:

Aqui fica, no meu verso,
mais a versão que se achou
nalgum lugar do universo,
nas praias de S. Malo,

onde um navio pirata
a recolheu num funil,
trazendo-a sem tempo e data
para o cordel do Brasil.

Paris, 22.11.89⁴⁴

O sujeito poético de Mendonça Teles confronta-se com o mais obscuro das línguas e das culturas estrangeiras. Desse confronto pode nascer o desconforto da descontinuidade. Porém, a diversidade da «ilha», a sua abertura fundamental às sonoridades das línguas índias e aos vocábulos opacos, projeta o poema para o exterior, constituindo uma rede de pontos de encontro e de itinerários linguísticos inéditos. Nisto reside o efeito de surpresa que a poesia nómada do poeta brasileiro nos reserva.

Concluirei este texto citando as palavras do poeta e ensaísta Michel Collot sobre a aproximação entre o corpo, o cosmos e o poema. Collot chama a este fenómeno o «*caosmos*», retomando o termo deleuziano:

Ce qui est en jeu pour moi dans la poésie n'est rien moins que le monde, mieux notre capacité d'être en lui ; mais c'est la même chose car que serait le monde s'il n'y avait des êtres capables d'être du monde ? Depuis l'aube de notre modernité, beaucoup de poètes ont eu la tentation de reprendre à leur compte le sombre pronostic de Baudelaire : «Le monde est sur le point de finir». Et les motifs aujourd'hui ne manquent pas de lui donner raison.

[...]

Le poète est celui qui travaille à cette création continue du monde, en réinventant la langue. Car elle n'est pas, tout comme le monde, un système achevé et fermé, mais une structure ouverte, un espace potentiel dont les recours sont aussi

nombreux que les empêchements. En explorant les possibilités de la langue, la poésie explore les horizons du monde. Cette tâche n'est pas nouvelle, et le poète a toujours dû combattre l'état fixe des langues et des représentations.

[...]

Il revient à chacun d'enfanter un corps cosmos.⁴⁵

E eu pude assim analisar um *corpus* de poemas a que chamarei, seguindo o exemplo de Michel Collot, poemas-mundo ou — porque não? — poemas-cosmos.

[Trad. Rui Pires Cabral]

NOTAS

- ¹ Michaël Fœssel, Jean-Claude Gens e Pierre Rodrigo (org.), *Faire monde. Essais phénoménologiques*, Paris, Mimesis France, 2011.
- ² Idem, *ibid.*, p. 9.
- ³ *Ibid.*
- ⁴ Gilberto Mendonça Teles, *Hora Aberta. Poemas Reunidos*, Petrópolis, Editora Vozes, 2003, p. 158.
- ⁵ Georges Gusdorf, *Lignes de vie 1. Les écritures du moi*, Paris, Odile Jacob, 1991.
- ⁶ Dominique Maingueneau, *Le Discours littéraire. Paratopie et scène d'énonciation*, Paris, A. Colin, 2004.
- ⁷ Al Berto, *O Anjo Mudo*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000, p. 9-11.
- ⁸ Édouard Glissant, *Le Sang rivé*, in *Le Sel noir*, Paris, NRF/Gallimard, 1960, p. 37.
- ⁹ Idem, *ibid.*, p. 39.
- ¹⁰ Gilberto Mendonça Teles, *ob. cit.*, p. 763.
- ¹¹ Entrevistado por Ana Marques Gastão, *Diário de Notícias*, 26 abr. 1997; reprod. in *O Falar dos Poetas*, Porto, Afrontamento, 2011, p. 18.
- ¹² Gilberto Mendonça Teles, *ê Cone de Sombras*, in *ob. cit.*, p. 200-2.
- ¹³ Idem, *ob. cit.*, p. 414.
- ¹⁴ Al Berto, *Lunário*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1999, p. 155-56.
- ¹⁵ Édouard Glissant, *Le Sel noir*, *ed. cit.*, p. 142.
- ¹⁶ Idem, *ibid.*, p. 17.
- ¹⁷ Gilles Deleuze e Félix Guattari, «Introduction: Rhizome», *Mille plateaux. Capitalisme et schizophrénie 2*, Paris, Minuit, 1980, p. 9-38.
- ¹⁸ Idem, *ibid.*
- ¹⁹ Kenneth White, *L'Esprit nomade*, Paris, Grasset, 1987, p. 10.
- ²⁰ Édouard Glissant, *Le Sang rivé*, *ed. cit.*, p. 54.
- ²¹ Kenneth White, *ob. cit.*, p. 11.
- ²² Al Berto, *Lunário*, *ed. cit.*, p. 155.
- ²³ Kenneth White, *ob. cit.*, p. 331.

- ²⁴ Édouard Glissant, *Le Sel noir*, ed. cit., p. 76.
- ²⁵ Idem, *ibid.*, p. 69.
- ²⁶ Idem, *Philosophie de la Relation. Poésie en étendue*, Paris, Gallimard, 2009, p. 45.
- ²⁷ *Ibid.*
- ²⁸ Gilberto Mendonça Teles, *Arabiscos* [1999], in *ob. cit.*, p. 69.
- ²⁹ Idem, *ibid.*
- ³⁰ *Ibid.*, p. 402.
- ³¹ Gilles Deleuze e Félix Guattari, *ob. cit.*, p. 11.
- ³² Kenneth White, *ob. cit.*, p. 386.
- ³³ Idem, *ibid.*, p. 402.
- ³⁴ Édouard Glissant, *Le Sel noir*, ed. cit., p. 105.
- ³⁵ Emmanuel Lévinas, *Totalité et infini. Essai sur l'extériorité*, Haia, Martinus Nijhoff, 1961.
- ³⁶ Édouard Glissant, *Tout-Monde*, Paris, Gallimard, 1993, p. 18.
- ³⁷ Michel Butor, *L'Écriture nomade*, org. Marie-Odile Germain e Marie Minssieux-Chamonard, Paris, BnF, 2006, p. 146.
- ³⁸ Idem, *ibid.*, p. 155.
- ³⁹ Édouard Glissant, *Philosophie de la Relation*, ed. cit., p. 80-81.
- ⁴⁰ Idem, *ibid.*, p. 70.
- ⁴¹ Gilberto Mendonça Teles, *Álibis*, in *ob. cit.*, p. 91.
- ⁴² Idem, *ibid.*, p. 377.
- ⁴³ *Ibid.*, p. 52.
- ⁴⁴ *Ibid.*, p. 161.
- ⁴⁵ Michel Collot, *Le Corps cosmos*, Bruxelles, La Lettre volée, 2008, p. 107.